



No dia 30 de novembro, domingo, foi lançado o mais recente número da revista de cultura do Município de Torres Novas, a Nova Augusta. A sessão teve lugar no Museu Municipal Carlos Reis e contou com a participação da escola de música do Choral Phydellius, que garantiu alguns apontamentos musicais.

Ana Marques, técnica do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial, destacou a «teimosia, coragem, empenho e espírito aventureiro» de Gustavo Pinto Lopes, fundador da biblioteca e museu municipais, que, juntamente com Artur Gonçalves, desempenhou um papel essencial na promoção de uma política de edições municipais e «inauguraram este caminho que nos conduziu até à Nova Augusta».

Ana Marques destacou ainda o trilha percorrido pela Nova Augusta que, nas suas primeiras edições, foi marcada por artigos mais ecléticos, sendo hoje uma edição de cariz quase científico, dividida em mais secções do campo do saber, como a história, história de arte ou arqueologia. Este é também um rumo que tem pautado as edições municipais, cada vez mais focadas em estudos locais e na especialização de outras áreas dentro das ciências sociais. Concluiu com um agradecimento a todos os autores que têm sido «cúmplices desta aventura» que se chama Nova Augusta.

Como habitualmente nos lançamentos da Nova Augusta, um dos colaboradores desta edição foi convidado a falar sobre esta edição. Esse papel coube a Marco Liberato que realçou: «Falar da Nova Augusta é indiscutivelmente descrever uma história de sucesso, vincado desde logo pela sua longevidade. (...) No seu conjunto, os números da NA são um verdadeiro repositório do conhecimento produzido no âmbito das ciências sociais relativamente a Torres Novas e aos concelhos limítrofes. Permite, assim, ao cidadão curioso conhecer um pouco mais da realidade que o envolve, numa perspetiva de fruição cultural, enquanto funciona também como auxiliar na formação das sucessivas gerações de estudantes locais que se vão formando em diversas áreas e que olham para a sua cidade de origem como tema de estudo».

Pedro Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Torres Novas, começou por agradecer aos técnicos municipais pelos desafios que lançam ao executivo e pela riqueza e entusiasmo criados em torno destas edições. «Sou um leitor assíduo da Nova Augusta e começo a sentir na pele a história do que vivi e que já merece estar nestas edições. Torres Novas tem uma riqueza invulgar ao nível do património que deve ser explorada e este é um tema que a NA muitas vezes aborda. Bem como temas e vivências sociais que se podiam perder para sempre e que alguém se lembrou de registar. Isso deve ser enaltecido. Por tudo isto, quero agradecer a todos os que têm contribuído para o sucesso da Nova Augusta e das edições municipais.

Na edição deste ano, Maria da Conceição e Manuel Geada oferecem-nos um interessante relato de um episódio da estadia dos franceses em Pedrógão e na região durante a terceira invasão; Gabriel Feitor aborda os movimentos de oposição ao Estado Novo em Alcanena, em 1958; António Mário Santos fixa abundante documentação sobre a agricultura, o comércio e a indústria no concelho de Torres Novas, entre 1851-1877; Cátia Salvado Fonseca explora a sociabilidade da mulher de oitocentos a propósito da família Silva Mendes, da Golegã; Tiago Cubeiro soma mais uma contribuição ao que já foi escrito sobre roda dos expostos de Torres Novas; na secção de arte, Paulo Gregório regressa ao seu trabalho sobre a igreja do Salvador e ao programa de obras do templo, Joaquim Rodrigues Bicho recorda a capela dos Anjos e Franklin Pereira inventaria as cadeiras em couro lavrado do museu, câmara e biblioteca Municipal de Torres Novas; Manuela Poitout revela-nos mais uma interessante visita biográfica, desta vez à obra e ao livro proibido de Júlio de Sousa e Costa, ligado à administração do concelho da Barquinha; João Carlos Lopes escreve sobre Torres Novas no tempo do ié-ié a respeito da fundação dos Kalyfas e dos Gringos; a secção de arqueologia integra estudos de Marco Liberato e Helena Santos (relatório de trabalhos arqueológicos na antiga capela dos Anjos de Torres Novas), de João Palla Lizardo (sobre cabeceiras de sepulturas medievais) e de Sandra Lourenço e Gertrudes Zambujo (passado e presente da arqueologia torre-jana); finalmente, Luís Miguel Batista fala de D. José Manuel da Câmara, segundo cardeal patriarca de Lisboa, a respeito do tombo oitocentista da sua Quinta do Vale do Seixo, na Atalaia.